

## O *status* informacional dos referentes de elementos focalizados em construções de foco alternantes<sup>1</sup>

Daniilo da Silva Santos Brito<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste artigo investigamos as propriedades informacionais dos elementos que instanciam a posição de foco de três construções QU do português brasileiro: a “Clivada Canônica” [SER X QUE Y], a “Construção Que” [X QUE Y] e a “Construção SerQue” [X ÉQUE Y], nas quais X corresponde ao constituinte focalizado e Y ao segmento não focalizado. A pesquisa é orientada pelo pressuposto teórico da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU) e para o estudo do *status* informacional de referentes do discurso adaptamos as propostas de Prince (1981, 1992). O objetivo deste trabalho é verificar se há alguma restrição a configurações/contextos variáveis que justifiquem a defesa da não sinonímia (GOLDBERG, 1995) entre as construções em pauta, já que, mesmo sendo formalmente distintas, elas se mostram intercambiáveis em muitas situações de uso. As ocorrências foram coletadas dos registros dos 64 informantes que integram a amostra de fala carioca *Censo-1980* (PEUL/UFRJ) e analisadas com a utilização de ferramentas de processamento estatístico rodadas no Programa R. Os dados mostram que ao mesmo tempo que esses esquemas compartilham parte substancial de sua semântica, os mesmos parecem diferir em termos de uma série de variantes diretamente relacionadas ao tipo de informação que é codificada no *slot* de foco.

**Palavras-chave:** Gramática de Construções; Variação; Construções clivadas; Não-sinonímia.

### Introdução

O *foco*<sup>3</sup> é uma categoria linguística diretamente relacionada à informatividade do texto/discurso. Em linhas gerais, a marcação de foco expressa a intenção do falante de indicar ao seu interlocutor qual porção de um enunciado deve ser entendida como conteúdo informacional relevante, ou saliente, em dado contexto comunicativo.

Nas línguas naturais, são variados os dispositivos formais utilizados para a expressão da função de foco, tais como proeminência prosódica, alteração da ordem neutra, uso de

<sup>1</sup> O presente artigo faz parte de um trabalho maior, compondo parte da análise apresentada na tese de doutorado intitulada “Construções de foco com palavra QU invariável: uma abordagem construcionista baseada no uso” (BRITO, 2021).

<sup>2</sup> Professor Adjunto de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Oeste da Bahia. Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Especialista em Letras - Português/Literatura pelas Faculdades Integradas de Jacarepaguá. Graduado em Graduação em Letras Português/Inglês e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia. E-mail: daniilo.cte@hotmail.com. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-5129-9538>.

<sup>3</sup> Desde que a noção de foco foi introduzida por Halliday, no final da década de 1960 (cf. VALLDUVÍ, 1990), a categoria “foco” vem sendo abordada na linguística sob diferentes propostas teóricas, que resultam em definições nem sempre equivalentes. Sobre propostas para definição da noção de foco, recomendamos leitura de Maia e Braga (2015) e Brito (2021).

marcadores e, ainda, construções/esquemas especiais de marcação de foco (DIK, 1997). Em estratégias que envolvem um ou mais dos recursos citados, a focalização pode incidir sobre apenas um determinado elemento da sentença (foco argumental), parte da sentença (foco no predicado) ou toda a sentença (foco sentencial) (LAMBRECHT, 1994, 2001; LAMBRECHT; POLINSKY, 1998).

Neste artigo, analisamos três esquemas sintáticos com palavra QU invariável que integram uma subfamília de construções de foco argumental do português brasileiro (PB): a Construção **Clivada Canônica**, a Construção **Que** e a Construção **SerQue**, doravante referenciadas como “Construções de foco QU<sub>Invar</sub>”. Tais construções são representadas pelas formas abaixo, nas quais X corresponde ao elemento focalizado e Y ao segmento oracional não focal, numa relação funcional do tipo “foco x pressuposto” (PRINCE, 1978; LAMBRECHT, 1994, 2001):

**(i) Construção Clivada Canônica:**

Foi Joana **que** escreveu a carta.

[[SER [X]] [QUE (Y)<sup>4</sup>]]

**(ii) Construção QUE:**

Joana **que** escreveu a carta.

[[X] [QUE (Y)]]

**(iii) Construção SERQUE:**

Joana **é que** escreveu a carta.

[[X] [SERQUE (Y)]]<sup>5</sup>

Embora formalmente distintas, as construções foco QU<sub>Invar</sub> apresentam muitas semelhanças quanto aos padrões de preenchimento de seus *slots* e à possibilidade de combinação com diferentes esquemas sintáticos da língua. Funcionalmente, essas construções servem à focalização de uma gama de elementos posicionados à esquerda da palavra QUE, enquanto, à direita, o segmento oracional não focalizado veicula um conteúdo pressuposto, colocado/apresentado como “fato conhecido” (PRINCE, 1978), ou “não negociável” (DELIN, 1990, 1992). Além disso, as QU<sub>Invar</sub> podem desempenhar semelhantes funções em relação à organização da estrutura (sub)tópica do discurso.

Dentre os estudos já realizados acerca do tema, destacam-se os trabalhos de Braga (2009); Braga, Leite de Oliveira e Barbosa (2013), Cunha Vieira (2018), Leite de Oliveira

<sup>4</sup> Nestas representações, os parênteses em torno de Y indicam que esse elemento pode ter realização variável.

<sup>5</sup> Optamos por este tipo de representação, onde a forma de SER em “éque” não é compreendida como verbo, por entendemos que a construção SERQUE, assim como a QUE, não é uma estrutura clivada.

(2019) e de Brito (2021). Para Braga (2009, p. 192), o fato de tais construções compartilharem propriedades comuns e, em consequência, serem potencialmente intercambiáveis em determinados contextos, mostra que a defesa do isomorfismo entre forma e função deve ser repensada, a favor de uma abordagem sensível ao caráter não discreto das categorias linguísticas.

Propondo uma reflexão sobre a não sinonímia (GOLDBERG, 1995) dos três esquemas estudados, verificamos neste artigo se as construções dessa subfamília de estruturas de foco assemelham-se quanto aos padrões de focalização de referentes do discurso ou se há, em relação a essa variável, possíveis restrições de natureza formal ou semântico-pragmática que limitem significativamente a livre intercambialidade no uso dessas estratégias de marcação de foco.

A atual pesquisa é orientada pelo pressuposto teórico da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), representada por autores como Barlow e Kemmer (2000), Bybee (2006, 2010), Diessel (2004, 2015, 2019), Hilpert (2014), Lambrecht (1994, 2001), Langacker (1987, 2000, 2010), dentre outros. A abordagem baseada no uso sustenta que a estrutura linguística emerge do uso da linguagem, concebendo a língua como um sistema adaptativo complexo, no qual a estrutura e o conhecimento linguístico são moldados pelas inter-relações entre experiências de uso e habilidades cognitivas de domínio geral, como *categorização*, *analogia*, *abstração*, *chunking* e *automatização*. Essa perspectiva atribui a devida importância à experiência dos falantes, por entender que os padrões de uso afetam fortemente a maneira pela qual o sistema linguístico é adquirido, utilizado e muda com o tempo (BARLOW; KEMMER, 2000; BECKNER *et al.*, 2009; BYBEE, 2010).

O presente texto está estruturado da seguinte maneira: primeiramente, apresentaremos uma definição mais detalhada das propriedades formais e pragmáticas das construções de foco pesquisadas, citando os principais trabalhos publicados sobre o tema. Em seguida, discutiremos a importância do *status informacional dos referentes de elementos focalizados* para estudo dessas construções QU<sub>Invar</sub> e apresentaremos uma proposta para a caracterização dos fatores que serão considerados no cômputo dessa variável discursivo-pragmática. Na sequência, analisaremos os padrões de focalização encontrados nos dados de fala considerados. Após a análise, concluiremos o trabalho com nossas considerações finais.

### Clivagem e construções de foco com palavra QU Invariável (QU<sub>Invar</sub>)

As construções que integram o grupo das QU<sub>Invar</sub>, mais precisamente a **Clivada Canônica**, a **Que** e a **SerQue**, são geralmente descritas na literatura sob o rótulo de “clivadas”<sup>6</sup> e já foram equiparadas por alguns autores, como Braga (2009) e Braga, Leite de Oliveira e Barbosa (2013), às construções *it-clefts* do inglês, estas últimas descritas em Delin (1992), Gundel (2002), Hasselgard (2004), Hedberg (1988), Johansson (2002), Lambrecht (1994, 2001), Prince (1978), Sornicola (1988), dentre muitos outros.

Para Lambrecht (2001), o termo *clivagem* teria sido introduzido nos estudos linguísticos por Jespersen<sup>7</sup> (1927, 1949, p. 147), que observou que a clivagem de uma sentença (geralmente cindida por um pronome relativo ou conectivo) serve para destacar um elemento específico da sentença, direcionando a atenção do ouvinte/leitor para um dos constituintes que a compõe e sobre o qual recai o foco contrastivo.

Como estratégia de focalização, a clivagem gera uma estrutura bioracional, mantendo, porém, o caráter monoclausal da sentença que a instancia. Em outros termos, a estrutura clivada é uma oração complexa – dividida em duas partes, constituídas por um elemento de foco (X), projetado por uma cópula de verbo *ser* (predicador vazio), e uma cláusula tipo subordinada (Y) que sucede o complementizador QU – que apresenta um conteúdo proposicional semelhante ao que poderia ter sido expresso pelo enunciado da sentença “simples” que instancia a construção. Como resume Hedberg (1988), a clivagem possui a propriedade de expressar uma única proposição semântica por meio de duas cláusulas sintáticas. Alguns autores assim definem a estrutura clivada:

<sup>6</sup> Para essa subfamília de construções não há ainda uma proposta unificada de classificação adotada por todos os pesquisadores brasileiros. Em outras abordagens estas construções do PB receberam nomes variados: a construção “Clivada Canônica” já foi simplesmente tratada por “clivada” (KATO; RIBEIRO, 2006) ou “clivada básica” (RIBEIRO, 2009; RIBEIRO; CÔRTEZ JUNIOR, 2009); a construção “Que”, denominada “clivada sem cópula” (RIBEIRO; CÔRTEZ JUNIOR, 2009) e de “FocoQue” (GUESSER; QUAREZEMIN, 2013); e a construção SerQue, por sua vez, chamada de “ÉQUE” (ILARI; LONGHIN, 2000), é tratada por muitos autores de formação gerativista como “Clivada Invertida” (KATO; RIBEIRO, 2006; RIBEIRO; CÔRTEZ JUNIOR, 2009; GUESSER; QUAREZEMIN, 2013; KATO, 2018). Há ainda quem considere as construções Que e SerQue à parte, como “Clivadas-Q” (LOBO, 2006).

<sup>7</sup> Jespersen (1949) observou que nessas estruturas a “cláusula relativa”, ou tipo relativa, não tem propriamente uma função restritiva. Ou seja, não se trata de uma relativa simples, uma vez que não é claramente o antecedente, ou o que parece ser o antecedente (elemento focalizado), que é retomado pelo “pronome” relativo (que definimos como palavra QUE por entender essa forma, marcadora de foco, como uma *categoria gradiente*, cf. BYBEE, 2010).

Clivagem – Termo usado na descrição gramatical com referência a uma construção denominada clivada. Trata-se de uma única oração dividida em duas partes, cada uma com um verbo (ex.: É Miguel que está dirigindo o carro novo). (CRYSTAL, 1985, p. 49).

Uma CONSTRUÇÃO CLIVADA é uma estrutura complexa que consiste de uma oração matriz introduzida por uma cópula e de uma oração relativa ou tipo relativa cujo argumento relativizado está coindexado ao argumento predicativo da cópula. Consideradas juntas, as orações matriz e relativa expressam uma proposição logicamente simples, que poderia ter sido igualmente expressa sob a forma de uma oração simples sem mudança nas condições de verdade. (LAMBRECHT, 2001, p. 467).<sup>8</sup>

[...] a clivagem é, muitas vezes, entendida como uma operação que se aplica a uma sentença qualquer [...] e a cinde em duas. O resultado desta cisão *é que* ela produz um nível de encaixe [...] ausente da sentença que sofreu o processo de clivagem. (BRAGA; KATO; MIOTO, 2009, p. 253).

Entre as construções QU<sub>Invar</sub> investigadas, a estrutura de verificada é apenas na construção **Clivada Canônica**. A ausência da cópula na construção **Que** e a invariabilidade da expressão “éque” (*chunk*) na construção **SerQue** sugerem que essas outras duas construções representam estratégias mais gramaticalizadas de marcação de foco, sendo questionável defender, com respeito a estas, uma configuração bioracional (BRAGA, 2009, p. 192).

Por outro lado, como esquemas de foco estreito, ou foco argumental, as três construções assemelham-se por focalizarem constituintes que se situam numa posição fixa, invariavelmente à esquerda e, ainda, pelo fato de que nelas a palavra QU é insensível ao traço de animacidade – aspectos que as distingue de outras construções de foco com palavra QU-Variável tratadas na literatura sob o rótulo de *Pseudoclivadas*.

As construções QU<sub>Invar</sub> são muito versáteis quanto aos tipos de constituintes que podem ocupar seus *slots* de foco, diferindo, também quanto a esse quesito, das construções *Pseudoclivadas* (BRAGA, 2009), nas quais é esporádica a focalização de qualquer outra classe que não nomes (substantivos e pronomes pessoais)<sup>9</sup>.

Verifica-se ainda que as construções pertencentes à subfamília das QU<sub>Invar</sub> podem desempenhar semelhantes funções na organização (sub)tópica do discurso, como *marcação de contraste* (função *default*), *lançamento de tópico*, *vinculação entre tópicos*, *tematização*, *função somativa/de resumo* (esta última verificada quando a construção sintetiza parte de um texto ou

<sup>8</sup> No original: “A CLEFT CONSTRUCTION is a complex structure consisting of a matrix clause headed by a copula and a relative or relative-like clause whose relativized argument is coindexed with the predicative argument of the copula. Taken together, the matrix and the relative express a logically simple proposition, which can also be expressed in the form of a single clause without a change in truth conditions.”

<sup>9</sup> Excetuam-se, nesse grupo, as construções FocoSer, que focalizam qualquer material à direita do verbo “Ser”.

de uma seção de um texto), dentre outras (FÁVERO, 1999; JOHANSSON, 2002; HASSELGARD, 2004).

Postas algumas especificidades das construções investigadas, podemos dizer que a subfamília de construções de foco QU<sub>Invar</sub> integra, ao lado da subfamília de construções Pseudoclivadas, uma família de construções de foco mais ampla. Seguem exemplos das estruturas mais produtivas das construções de foco QU do PB, retirados de Braga, Leite de Oliveira e Barbosa (2013):

**a. Construção Pseudo-Clivada Canônica**

Quem/O Que + Oração sem constituinte clivado + Ser + Constituinte Clivado

F: *Quem* estava com a chave *era o jardineiro*. (18, f)

**b. Construção Pseudo-Clivada Invertida**

Constituinte Clivado + Ser Quem/O Que + Or. sem constituinte clivado

F: *Esse padre foi quem* deixou (o colégio) para a ordem (26, m)

**c. Construção Pseudo-Clivada Extraposta**

Ser + Constituinte Clivado + Quem/O que + SV

F: *É ele mesmo quem* declama. (Revista O Globo, 27/01/2013)

**d. Construção Foco Ser**

Oração sem Constituinte Clivado + Ser + Constituinte Clivado

F: Todo homem que está ficando velho quer *é jogar*. (30, m)

**e. Construção Clivada Canônica**

Ser + Constituinte Clivado + Que + Or. sem constituinte clivado

F: *Fui eu que* escrevi. (43, f)

**f. Construção SerQue**

Constituinte Clivado + SerQue + Or. sem constituinte clivado

F: *Eles é que* uma vez implicaram comigo (26, m)

**g. Construção Que**

Constituinte Clivado + *Que* + Or. sem constituinte clivado

F: *Eles que* enrolaram (18, f)

**h. Construção Ser... SerQue**

Ser + Constituinte Clivado + *SerQue* + Or. Sem constituinte clivado

*É o homem é que* faz ele violento, né? (22, f) (BRAGA; LEITE DE OLIVEIRA; BARBOSA, 2013, p. 33).

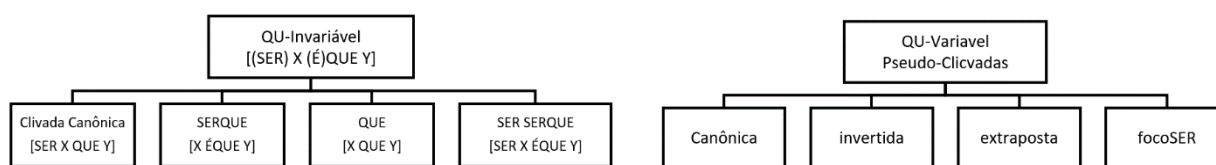
Sobre a descrição formal das estruturas listadas e exemplificadas por esses autores, reforçamos que, para nós, é discutível a definição do elemento focalizado, nos exemplos “f” e



“g”, como sendo um “constituente clivado”. Entendemos que as construções **Que** e **SerQue** (“éque”) não são típicas estruturas clivadas.

Abordagens baseadas no uso, a exemplo dos trabalhos de Braga; Leite de Oliveira; Barbosa (2013), Cunha Vieira *et al.* (2015), Leite de Oliveira (2019), sustentam que as diferenças formais e funcionais entre  $QU_{Invar}$  e Pseudoclivadas justificam que esses dois grupos sejam tratados separadamente, e respaldam uma unificação das  $QU_{Invar}$  como pertencentes a uma mesma subfamília de microconstruções de foco do PB.

No geral, pela proposta de classificação sugerida em Braga (2009), consideramos que as duas subfamílias de microconstruções de foco QU podem ser divididas em 08 variantes e agrupadas da seguinte maneira:



**Fig 1** Construções  $QU_{Invar}$  e Pseudo-Clivadas<sup>10</sup>. Fonte: Brito (2021, p. 31).

Cumpramos ressaltar que estas construções QU não são as únicas estruturas de foco no PB; a elas somam-se outras estratégias de focalização, como as orações paratáticas (RODRIGUES, 2006; COELHO, 2013), as orações desgarradas (DECAT, 2005) e as construções de foco pelas ordenações VS e SV (GUESSER; QUAREZEMIN, 2013; QUAREZEMIN, 2014), dentre outras.

Sob viés funcionalista, as construções do PB que integram o grupo das  $QU_{Invar}$  foram inicialmente estudadas por Braga (1989, 1991), Braga; Silva (1992), Longhin (1999), Ilari; Longhin (2000). A não sinonímia entre elas foi analisada numa perspectiva construcionista por Braga, Leite de Oliveira e Barbosa (2013), Cunha Vieira *et al.* (2015) e Leite de Oliveira (2019), e mais recentemente por Brito (2021).

Em pesquisas centradas no uso, tem sido tema relevante entender a maneira como entidades/referentes do discurso são codificada(o)s na posição de foco dessas construções, bem

<sup>10</sup> As ocorrências de construções “Ser SerQue” são raríssimas no *corpus* analisado, motivo pelo qual não trataremos desta construção nas análises quantitativas. Ribeiro e Côrtes Junior (2009) defendem que a “cópula dupla” na construção “Ser SerQue” pode ser explicada pela gramaticalização de *éque*. Cabe também observar que a *focoSer* não é uma estrutura de clivagem e, por isso, temos ressalvas quanto à classificação desta como pertencente à categoria das Pseudo-Clivadas. O critério adotado por Brito (2021) para tal classificação foi apenas o da posição do elemento focalizado pela construção *focoSer*.

como cada delas se comporta quanto ao “empacotamento” desses referentes, na condução do fluxo da informação no discurso. Apresentaremos a seguir, uma proposta para a análise empírica da variável discursivo/pragmática *status informacional dos referentes* (daqui para frente apenas “*status informacional*”), que será aplicada em nossa análise das construções em tela.

### Sobre a variável *status informacional* de elementos focalizados

O *status informacional* de referentes<sup>11</sup> de constituintes sintáticos não oracionais (doravante “*status informacional*”) é uma importante variável discursivo-pragmática, sempre associada na literatura a mecanismos linguísticos como *foco*, *definitude* e *identificabilidade*, *contrastividade*, *topicalização*, *traços semânticos dos SNs*, dentre outros.

O papel do *status informacional* na análise linguística começou a ser explorado em estudos sobre a estrutura da informação na sentença, desenvolvidos por alguns membros da Escola de Praga, destacando-se entre as publicações iniciais uma série de artigos de Vilém Marthesius, que remontam à década de 30 do século passado, seguidos por numerosos trabalhos de Firbas, já na década de 1960.

No quadro de diferentes propostas, os estudos voltados à distribuição e compreensão das formas de expressão da referência orientam-se pelo princípio geral de que determinadas entidades/referentes podem corresponder, dentro da estrutura do discurso, a informações *dadas* ou *novas*. No entanto, apesar de os conceitos de informação *dada-nova* serem amplamente utilizados, sempre houve, e ainda há, muito desacordo sobre a verdadeira natureza das noções expressas por esses rótulos – seja do ponto de vista pragmático/gramatical, cognitivo, ou do enfoque textual/discursivo – bem como acerca das relações lógicas e empíricas estabelecidas entre eles (GUNDEL; HEDBERG; ZACHARSKI, 1993; LAMBRECHT, 1994). Além disso, outras propostas consideram a necessidade de se pensar em estados intermediários da informação (PRINCE, 1981; CHAFE, 1987, 1994).

<sup>11</sup> No escopo da *referenciação*, a definição de “referentes” aplica-se mais reservadamente a “entidades de primeira ordem” (LYONS, 1977), expressas por formas nominais referenciais. Em outras palavras, os “referentes” não equivalem exatamente a “coisas”, objetos do mundo real, mas a objetos de discurso, construídos no decorrer dessa atividade (KOCH, 2002, p. 30; JUBRAN, 2003; MONDADA; DUBOIS, 2003).



O estudo do *status* informacional dos referentes dos elementos focalizados complementa-se pela observação de outras variáveis associadas à maneira como a informação é codificada no *slot* de foco das construções  $QU_{Invar}$ : como *marcação formal de definitude*, *categoria gramatical/complexidade estrutural*, *tamanho*, *função sintática*, *traços semânticos relacionados à animacidade*, dentre outros.

Para essa análise das construções em pauta, fundamentaremos nossa classificação dos tipos de *status* nas propostas taxonômicas apresentadas por Prince (1981, 1992), acrescentando à conhecida tríade *evocado*, *inferível* e *novo* um quarto *status*, não abordado pela autora, o *amplo evocado*, relevante para o estudo das construções de foco  $QU_{Invar}$ . Seguem as definições dos fatores que serão considerados, com exemplos para cada um dos *status*:

i) ***Evocado*** – aplica-se a toda entidade já mencionada no texto (*evocada textualmente*) ou facilmente acessível pelas instruções do contexto situacional extralinguístico (*evocada situacionalmente*). O termo *evocado* foi proposto por Prince para evitar associações com outras concepções da noção de *dado/velho*, não totalmente equivalentes. Por aderirmos à proposta de Prince (1981), manteremos esse rótulo. Seguem exemplos:

- (1) a)  
F- [(inint)]- Os médico disseram que foi meningite: a febre muito alta. Ela traspassou do termômetro, não tinha nem febre para (est) tirar mais. Passou de quarenta grau. O médico disse que ela já estava já cozida por dentro, (est) então **foi a meningite que atacou**. Aí, não teve... deu... aplicou três injeção na espinha, para tirar o líquido, já estava em água. (Inf. 12)
- b)  
E- Ah, é? Como é que ele te pediu esse dinheiro emprestado? (rindo)  
F- Pedindo, porque, no dia do pagamento, não é? Aí, não é? Eu recebi, o outro recebeu, mas ele não recebeu. Aí, não é? **Que ele que ia receber**, no outro dia. (...) (Inf. 20)
- c)  
F: (...) Aí me pegaram e puseram dentro de um carro. Mas eu estava sentindo só o joelho. (est) Cheguei lá, o Mourão Neto estava pensando que eu estava toda arrebetada, não é? Estava já com uma maca ali, que ele é médico, não é? (est) E ele disse: ‘ah, dona Dhália! eu pensei que a senhora estivesse toda arrebetada. Não está não, graças a Deus.’ Aí fomos. No joelho não dava nada. E eu estava sentindo dor neste braço. **Esse braço é que quebrou aqui** (mostrando o braço) um pouquinho (Inf. 18) (BRITO, 2021, p. 110).

Nos exemplos acima, os referentes dos constituintes focalizados são todos *evocados*: *textualmente* (1a); da consciência do ouvinte (1b)<sup>12</sup>; ou ainda, ao mesmo tempo, *textual* e *situacionalmente* (1c). Seja na referência textual ou situacional, a noção de *evocado* considera sempre a disponibilidade do referente no discurso imediato, o que Prince (1992) define como *Velho no Discurso*<sup>13</sup>.

ii) ***Ampla evocado*** – tipo de referente que retoma/resume/conclui uma sequência ou um conjunto de informações salientes recém-apresentadas na sequência textual imediatamente precedente. A categorização desse *status* leva em conta uma contribuição de Halliday; Hasan (1976, p. 31-84). Para esses autores, alguns itens anafóricos de *referência demonstrativa* diferem de outros mecanismos referenciais pela propriedade de se referirem não apenas a uma “coisa” (objeto ou pessoa - entidade em particular ou referente nominal único), mas a qualquer porção identificável do texto (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 52-53). Assim, a função de referenciar toda uma situação mais ampla, como um processo ou uma sequência de processos, é definida pelos autores como *referência estendida*. Seguem os exemplos de referentes que classificamos como esse *status*:

- (2) a)  
F- [...] Por isso ter uma instituiçãozinha, uma coisa, sabe? esse pessoal trabalhar, não é? ganhar o salário dele; e ali dentro mesmo ter, sabe? formação na educação, (inint). **É assim que eu digo.** (Inf. 05)
- b)  
F- Eu não gosto muito de carnaval, porque sai bastante morte, (est.) pessoa doente, (hes) atropelada, não é? Por **isso** que eu não gosto do carnaval não. Eu acho que, se for para a pessoa botar em risco a vida dele e a dos outro, é melhor o cara não se ligar muito ao carnaval. **Isso que eu acho do carnaval.** (est) (Inf. 01)
- c)  
F- [...] Aí eu sei o que que houve que: ‘ah! porque não vai, porque’-, ah! por causa de um senhor velhinho, que a coisa que eu mais adoro [É]- É velho e criança. Eu não posso ver um velhinho de cabecinha branca, mas

<sup>12</sup> Segundo Biber *et al.* (1999, p. 962)<sup>12</sup> “o elemento em foco em uma clivada não raramente é um pronome ou alguma outra forma que expressa informações dadas. [...] A posição inicial do elemento em foco torna-o adequado tanto para expressar uma conexão com o texto anterior quanto expressar contraste”. No original “‘The focused element in an IT-cleft is not infrequently a pronoun or some other form which expresses given information. [...] The early position of the focused element makes it suitable both for expressing a connection with the preceding text and for expressing contrast’”.

<sup>13</sup> Os conceitos de “Velho no Discurso” e “Novo no Discurso” são introduzidos por Prince (1992) na delimitação de uma proposta de classificação mais voltada à natureza linguístico/textual das entidades do discurso. Uma informação é “velha no discurso” quando um SN faz referência a uma entidade evocada em trecho anterior e/ou “Novo no Discurso” quando indica uma entidade não referida anteriormente no discurso.

desses velhinho bem gagazinho, sabe! (riso e) **Aí é que eu gosto.** (Inf. 05) (BRITO, 2021, p. 111-112).

Nesses exemplos, os elementos que preenchem os *slots* de foco são codificados: por formas adverbiais anafóricas (2a, 2c); e por um pronome demonstrativo neutro (2b). As ocorrências de semelhantes formas adverbiais e de pronomes demonstrativos neutros (isso, isto, aquilo), que resumem/retomam/encapsulam toda uma sequência de processos elencados na argumentação do discurso precedente, são muito frequentes na posição de foco das construções estudadas, motivo para defendermos que esse tipo de referente merece ser considerado à parte, ou em separado, quanto às outras entidades *evocadas*.

iii) **Inferível** - tipo de referência discursiva que, apesar de não totalmente explicitada, o falante assume ser o ouvinte capaz de identificá-la, seja via raciocínio lógico, a partir de outras entidades discursivas já evocadas ou, ainda, por meio de outras informações inferíveis (PRINCE, 1981, p. 236). A entidade inferível<sup>14</sup> equivale à subcategoria de referentes identificáveis que Lambrecht (2001), baseado em Chafe (1987, 1994), define como “acessível”; um tipo de entidade que aciona uma referência recuperável, seja textualmente, inferencialmente (por inferência de algum outro elemento também acessível ou ativo) ou situacionalmente. Seguem os exemplos:

- (3) a)  
F- Nunca viu? É <desse> - (gag) é **do pé de sachim que faz esses vasos**, não é? Dá muito na mata, sabe: Mas agora **estão** acabando, quase nem existe mais. Com esse negócio de fazer vaso, eles vão no meio do mato, cortam **esses- esses-**  
E- (inint.)  
F- Não! É **do tronco, do tronco que fazem o- o- os vasos** esses vasos de sachim- então (hes) eles- dá aquele tronco assim e em cima tem as folhagem, não é? [...] (Inf. 47)  
b)  
E- E você acha que o Penharol merecia ser campeão. Ele já foi campeão mundial; você acha que ele merecia ser campeão de novo?  
F- Não, que ele só- ele ganha também roubando. Ele entra matando. **O juiz que não dá falta**. Aí continua, aí ele faz o gol. (Inf. 60)  
c)

<sup>14</sup> Prince (1992) observa que a delimitação desta categoria não é muito clara. Para a autora, é discutível se os *inferíveis* deveriam pertencer a uma categoria intermediária, se deveriam ser colapsados com uma ou outra categoria, preservando a classificação binária, ou ainda se constituiriam realmente uma terceira categoria intermediária entre informação *dada/evocada* e *nova*.

F- Pela sociedade também, porque aqui em Santa Cruz (inint) muito pequeno, ('sei que'). Qualquer coisinha acontece corre logo.

E- Você acha isso bom?

F- Não. Não acho bom mesmo! Porque fofoqueira aqui é que não falta. Tipo essas mulheres que a gente passa assim a gente está com uma saia mais curta, uma calça mais apertada, gente passa, quando a gente passa de novo no outro dia: 'Foi aquela ali, aquela ali' (inint) de cochicho, ('olhando') assim para gente, apontando. (Inf. 54) (BRITO, 2021, p. 112-113).

Nos exemplos, os referentes dos elementos focalizados podem ser inferidos; textualmente, a partir de outros referentes *ativos* no discurso (3a); por estar acessível no quadro de referências do ouvinte (3b); ou pela lógica contextual (3c). Todos os referentes/entidades semelhantes são tratado(a)s nesta pesquisa, sem subclassificações, como integrantes da categoria *inferível*.

iv) **Novo** – todo tipo de entidade/informação introduzido(a) pela primeira vez no texto/discurso pelo falante, independentemente de estar disponível ou não na mente do ouvinte. Para que uma referência seja classificada como *nova*, não precisa ser, necessariamente, desconhecida para o ouvinte, ou “nova em folha” (PRINCE, 1981). Na maioria dos casos, o falante supõe que o ouvinte já tenha essa referência disponível em seu modelo de discurso, mas que não necessariamente esteja pensando nela naquele momento. O critério que adotamos para classificação desse *status* considera a “novidade” em relação ao texto-discurso (o *novo no discurso*), sem se aprofundar em questões relacionadas ao *status* cognitivo dessas entidades na mente do interlocutor. Seguem alguns exemplos:

(4) a)

F- [...] Naturalmente alguém contou uma estória, porque existiu uma estória assim. **Foi um balão que caiu**, numa casa, e na hora de apanhar o balão, o sujeito roubou o papagaio do garoto. (...) (inf. 31)

b)

F- [...] Oh, a garota <quan-> (ruído) tudo que é os outro fazia, o ET repetia, fazia a mesma [coisa,] não é? Daí a garota levou um susto com ET, que o irmão, **o irmão mais velho que descobriu ET**, (est) daí mostrou o ET ao garoto. [Daí,] o garoto ficou com um olho, [daí foi mostrar a garota] (Inf. 52)

c)

F- [...] Foi pegar uma pipa, caiu lá em cima do muro, tinha um caco de vidro no muro, o muro tinha vidro, nos fundo da minha casa ('mesmo'), cortou e teve que levar sete ponto, certo? Minha patroa na hora desmaiou, **a minha filha mais velha é que socorreu o garoto até o pronto socorro**

que é uma clínica que tem aqui do lado da minha casa que eu sou sócio-  
é a clínica Magalhães Bastos [...] (Inf. 63) (BRITO, 2021, p. 113-114).

Nesses exemplos de construções de foco, as posições de foco são instanciadas por entidades que veiculam informações: *nova para o ouvinte* e *nova no discurso* (4a); *nova textualmente ancorada* (4b); e *nova no discurso, ancorada no contexto* (4c). Toda entidade/referente recém-introduzida que não poderia ser inferida/recuperada do contexto linguístico imediato ou do contexto situacional foi classificada, de modo generalizado, como informação “nova”.

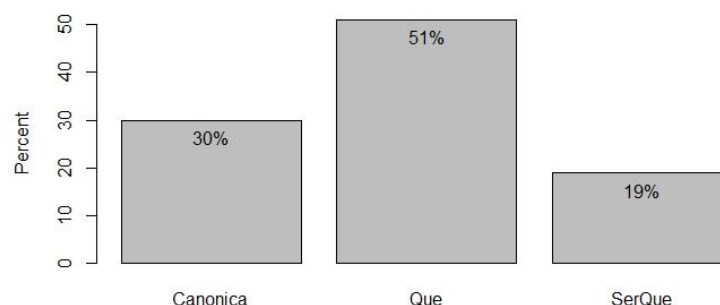
No tópico seguinte, discutiremos os padrões de produtividade das construções pesquisadas e, em seguida, procederemos com a análise da variável *status* informacional.

### Análise da variável *Status* informacional

Antes de passarmos à investigação desse grupo de fatores, cabe pontuar que as construções da família das QU<sub>Invar</sub> apresentam no *corpus* de fala analisado diferentes padrões de produtividade/frequência, como mostra a distribuição expressa na tabela abaixo:

| Construção | Ocorrências | Percentual |
|------------|-------------|------------|
| Canônica   | 198/660     | 30%        |
| Que        | 325/660     | 51%        |
| SerQue     | 125/660     | 19%        |

**Tabela 1** Distribuição das construções de foco QU<sub>Invar</sub> na Amostra Censo-80. Fonte: Brito (2021, p. 108).



**Gráfico 1** Distribuição das construções de foco  $QU_{Invar}$  na *Amostra Censo-80*. Fonte: Brito (2021, p. 109).

Nesses dados, a construção *Que* foi a mais produtiva ( $326/660 = 51\%$ ), seguida pela construção Clivada Canônica ( $198/660 = 30\%$ ) e pela construção *SerQue* ( $125/660 = 19\%$ ). Esses diferentes padrões de produtividade (frequências *token*) da *Amostra Censo-80* indicam que, como membros de uma mesma categoria mais ampla, essas três construções diferem entre si em termos de maior ou menor centralidade (LEITE DE OLIVEIRA, 2019, p. 74-75) e que, dentre elas, a construção *Que* [X QUE Y] corresponde, na modalidade de fala, à forma *menos marcada*.

Cabe abriremos um parêntese para a importância do conceito de *marcação* (GIVÓN, 1995) nos estudos baseados no uso. A exemplo, Cunha Vieira *et al.* (2015) testaram se as diferenças quanto à forma influenciariam o tempo de processamento da informação e a recuperação do elemento focalizado pelas construções pesquisadas. No experimento, os autores verificaram que as diferenças quanto ao tempo de processamento dessas construções são estatisticamente relevantes, o que confirmaria a hipótese da *marcação* sugerida por Givón (1995), a qual postula, como critérios de identificação da estrutura marcada: a *complexidade estrutural* (em termos de maior quantidade de material linguístico para a expressão de dado significado), a *complexidade cognitiva* (em termos de processamento) e a *frequência por uso*.<sup>15</sup>

<sup>15</sup> Os autores verificaram o tempo de processamento dessas construções por meio de um experimento psicolinguístico de *priming* com reconhecimento de sonda. Nesse experimento, os dados de percepção analisados levaram à conclusão de que, do ponto de vista cognitivo, nas construções Canônica e *Que* o referente focalizado permanece saliente por mais tempo na memória de trabalho dos indivíduos, ou seja, é reativado mais rapidamente, em uma possível retomada, diferentemente da construção *SerQue*, a qual demanda tempo de decisão mais elevado que as demais.



É importante abrimos outro parêntese para a utilização dos termos “produtividade”/“frequência”. Uma vez que a produtividade de um certo padrão de uso é tanto um resultado quanto uma força modeladora do sistema, a frequência é interpretada na GCBU como portadora de um papel central na compreensão de instâncias de uso. A devida importância ao papel da frequência é o que distingue os modelos baseados no uso de outras abordagens nas quais a frequência é um artefato insignificante, sem conexão com o conhecimento linguístico dos falantes (BARLOW; KEMMER, 2000; HAIMAN, 1994).

Voltando à questão da variável em análise, pesquisas sustentam, como já dito, que a focalização, como fenômeno pragmático, está diretamente relacionada à maneira como informações são introduzidas e/ou organizadas por um enunciador num evento de interação linguística. Nesse sentido, é possível que a seleção do material que preencha o *slot* de foco de uma  $QU_{Invar}$  seja motivada pelo *status* informacional do referente do elemento codificado nessa posição (BRAGA, 2009; LAMBRECHT, 1994, 2001; PRINCE, 1978; dentre outros).

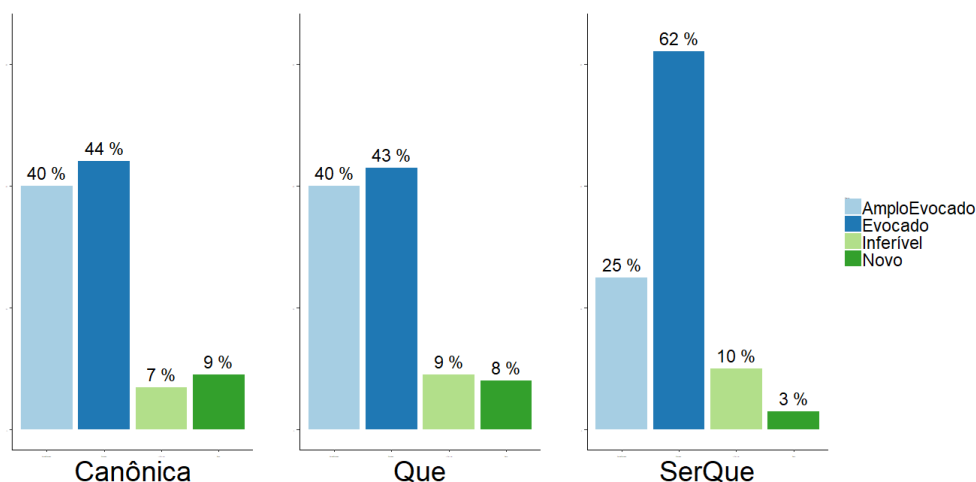
A análise quantitativa desse grupo de fatores no *corpus* Censo-1980 apresentou o seguinte resultado:

|                    | Evocado        |            | AmplEv.        |            | Inferível        |           | Novo          |           | Total                       |            |
|--------------------|----------------|------------|----------------|------------|------------------|-----------|---------------|-----------|-----------------------------|------------|
| <b>Canônica</b>    | 85/193         | 44%        | 77/193         | 40%        | 14/193           | 7%        | 17/193        | 9%        | 193/597                     | 32%        |
|                    | <b>Evocado</b> |            | <b>AmplEv.</b> |            | <b>Inferível</b> |           | <b>Novo</b>   |           | <b>Total</b>                |            |
| <b>Que</b>         | 128/297        | 43%        | 120/297        | 40%        | 27/297           | 9%        | 22/297        | 7%        | 297/597                     | 50%        |
|                    | <b>Evocado</b> |            | <b>AmplEv.</b> |            | <b>Inferível</b> |           | <b>Novo</b>   |           | <b>Total</b>                |            |
| <b>SerQue</b>      | 67/107         | 63%        | 27/107         | 25%        | 11/107           | 10%       | 2/107         | 2%        | 107/597                     | 18%        |
| <b>Total/Input</b> | <b>280/597</b> | <b>47%</b> | <b>224/597</b> | <b>37%</b> | <b>52/597</b>    | <b>9%</b> | <b>41/597</b> | <b>7%</b> | <b>597/660<sup>16</sup></b> | <b>90%</b> |

Teste  $X^2 = 18.83$ ,  $gl = 6$ ,  $p\text{-valor} = 0.0046$

**Tabela 2** Variável Status informacional do referente do elemento focalizado. Fonte: Brito (2021, p. 115).

<sup>16</sup> Para a análise desse grupo de fatores, Brito (2021) não considerou, dentro do total de dados, as ocorrências de construções  $QU_{Invar}$  nas quais que os *slots* de foco eram preenchidos por elementos adverbiais que não correspondiam a entidades/referentes identificáveis.



**Gráfico 2** Variável Status informacional do referente do elemento focalizado<sup>17</sup>. Fonte: Brito (2021, p. 115).

O cômputo dessa variável indicou relevância estatística, conforme valor reportado pelo qui-quadrado ( $gl = 6$ ,  $X^2 = 18.83$ ,  $p > 0.004$ ). O teste favoreceu a hipótese de que as  $QU_{Invar}$  não são totalmente intercambiáveis quanto à focalização de diferentes tipos de referentes, mas a distribuição dos dados, por outro lado, indicou algumas convergências em determinados contextos.

Nos dados analisados, a Clivada Canônica foi predominantemente utilizada para a focalização de referentes *evocados* ( $85/193 = 44\%$ ) e *amplo evocados* ( $77/193 = 40\%$ ), com percentuais semelhantes para esses dois *status*. A produtividade da Clivada Canônica mostrou-se baixa para referentes com *status inferível* ( $13/193 = 7\%$ ) e *novo* ( $18/193 = 9\%$ ), com diferenças percentuais irrelevantes entre esses dois fatores.

De igual modo, a construção Que focalizou mais significativamente referentes *evocados* ( $128/297 = 43\%$ ) e *amplo evocados* ( $120/297 = 40\%$ ) com valores aproximados. Os percentuais de referentes *inferíveis* ( $26/297 = 9\%$ ) e *novos* ( $23/297 = 8\%$ ) foram baixos, e a diferença estatística entre eles, irrelevante.

A construção SerQue, por seu turno, esteve mais associada à focalização de referentes *evocados* ( $67/107 = 62\%$ ), mas com uma menor incidência de referentes *amplo evocados* ( $27/107 = 25\%$ ) que as demais construções. Os percentuais para referentes *inferíveis* ( $11/107 = 10\%$ ) foram baixos, e a célula de referentes *novos* ( $2/107 = 3\%$ ), não confiável.

<sup>17</sup> O gráfico é apenas uma representação espacial dos números estatísticos dispostos na tabela precedente. Mesmo incorrendo na redundância, optamos por essa forma de organização, visando ao máximo de explicitude possível na apresentação dos resultados. Esse modelo é replicado nos tópicos de análise seguintes.

Em termos percentuais, na comparação entre as três construções predominou a focalização de itens que veiculavam informações textual ou situacionalmente *evocadas* ( $280/597 = 47\%$ ) e *amplo evocadas* ( $224/597 = 37\%$ ), sendo menos comum para essas construções a focalização de referentes de *status inferível* ( $50/597 = 9\%$ ) e *novo* ( $43/597 = 7\%$ ).

No geral, os valores para os *status evocados* e *amplo evocados*, expressos na tabela 2, mostraram que as QU<sub>Invar</sub> são mais utilizadas no PB para a focalização do tipo de referente que Prince (1992) define como *velho no discurso*. Essa tendência à focalização de referentes *evocados* já havia sido apontada em pesquisas anteriores, como os de Braga (1989, 2009<sup>18</sup>), Braga *et al.* (2009), Braga e Silva (1992, 1997), Longhin (1999), Kato *et al.* (2002), dentre outros. A focalização de itens com o tipo de referentes que classificamos como *amplo evocados* havia sido considerada anteriormente, na investigação de uma amostra menor do *corpus Censo-1980*, por Braga (2009, p. 187).

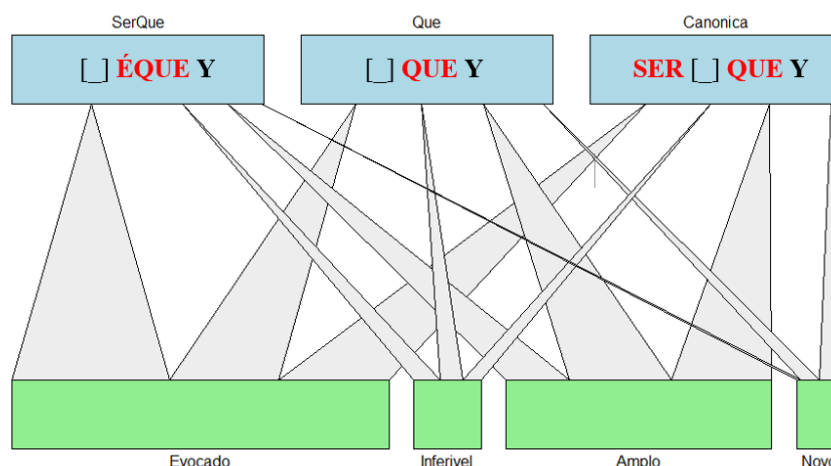
Pelo fato de a posição do foco nessas construções ser invariavelmente à esquerda, alguns autores, como Ilari e Longhin (2000, p. 211) e Braga, Kato e Miotto (2009, p. 263), salientam que a maior frequência na focalização de referentes *evocadas* mantém o princípio funcional de que, na ordem linear, a informação *dada/velha* geralmente antecede a informação *nova* (GIVÓN, 1995).

Todavia, quando consideramos a distinção entre referentes *dados*, como *evocados* e *amplo evocados*, percebemos que a construção SerQue difere das demais por ser menos acionada na focalização de elementos que codificam referentes que textualmente operam *referência anafórica estendida* (BRAGA, 1991; HALLIDAY; HASAN, 1976).

Por fim, a baixa produtividade na focalização de elementos com referentes de *status inferível* e *novo* replica outra tendência apontada em investigações anteriores de amostras do PB, a exemplo das pesquisas supracitadas, o que nos permite concluir que a baixa produtividade na focalização de referentes de *status inferível* e *novo* parece ser outra propriedade comum às construções estudadas.

<sup>18</sup> Braga (2009) e Braga, Leite de Oliveira e Barbosa (2013) analisaram uma amostra menor dos dados do *corpus Censo-1980*. Esses dados já indicavam que as construções Canônica, Que e SerQue eram mais propensas à focalização de referentes de informação [+ativada].

Os padrões de distribuição dos dados analisados podem ser mais bem visualizados no gráfico de rede bipartite<sup>19</sup>, que ilustra a disposição probabilística das associações de preenchimento do *slot* construcional:



**Gráfico 3** Relações *filler-slot* da variável *status* informacional. Fonte: Brito (2021, p. 155).

O gráfico reproduz padrões de maior ou menor aproximação entre as construções de foco, ordenadas no vértice superior, e os estatutos informacionais dos referentes dos elementos focalizados, que são ordenados no vértice inferior. A ordenação dos tipos de *status* no vértice inferior, representados por barras horizontais de diferentes espessuras, reproduzem a frequência *type* dos fatores analisados e as espessuras/ponderações das arestas que ligam os dois vértices denotam as probabilidades/heranças em associações *filler-slot* (DIESSEL, 2019).

Nessa representação em rede, observa-se que a construção SerQue está mais associada à focalização de elementos de *status evocado*, e menos associada a elementos de *status ampla evocado* e *novo* que as construções Clivada Canônica e Que. O gráfico indica ainda que a construção Que tem uma representação de maior centralidade na rede em relação às demais quanto a esse grupo de fatores.

<sup>19</sup> Gráfico gerado no R utilizando os pacotes *Bipartite* (DORMANN *et al.*, 2022, versão 2.18) e *Igraph* (versão 1.2.6). Essas duas ferramentas foram utilizadas para medir e plotar os elos entre os elementos das matrizes binárias da rede de interação. Rodando os dados probabilísticos de frequência na função “*plotweb*”, o pacote *Bipartite* calcula métricas e estatísticas mais comuns, mostrando como os elementos estão “linkados” na rede bipartida.

## Considerações finais

Apresentamos neste artigo uma descrição de propriedades formais e semântico-pragmáticas das estruturas que integram a subfamília de construções de foco com palavra QU invariável do PB: a construção Clivada Canônica [SER X QUE Y], a construção Que [X QUE Y] e a Construção SerQue [X SERQUE Y].

Dada a gradiência entre essas estruturas de foco, já observada em trabalhos anteriores (BRAGA, 2009; BRAGA; LEITE DE OLIVEIRA; BARBOSA, 2013; LEITE DE OLIVEIRA, 2019; BRITO, 2021, dentre outros), o objetivo deste artigo foi investigar configurações/contextos que justificassem a defesa da não sinonímia entre as construções pesquisadas.

Nesse intuito, apresentamos uma proposta linguisticamente viável para o estudo da variável discursivo-pragmática “*status* informacional”, que possibilitou verificarmos se o tipo de informação codificada pelo elemento que instancia a posição de foco indicava significativamente como cada uma das construções pesquisadas se comporta estrategicamente quanto ao “empacotamento” de referentes no discurso.

A análise dessa variável mostrou que, mesmo que as alternantes QU<sub>Invar</sub> apresentem significativa variabilidade quanto aos tipos de referentes preferencialmente focalizados, há uma potencial equivalência quanto aos seus padrões de focalização – o que nos leva a concluir que a intercambialidade no uso delas pode ser por vezes licenciada em alguns contextos de uso, já que as mesmas parecem compartilhar parte substancial de suas semânticas.

Podemos concluir que a não sinonímia entre as três construções de foco que integram essa subfamília não deve ser tratada de forma categórica. Os dados da variável computada mostraram que uma determinada construção de foco pode ser mais empregada em determinado contexto, mas em outros haverá sempre alguma aproximação entre, no mínimo, duas das construções QU<sub>Invar</sub>, o que nos permite presumir que nos contextos analisados esses esquemas de marcação de foco podem ser considerados, em alguns níveis de significação, como semanticamente alternantes.

## Referências

- BARLOW, M.; KEMMER, S. Introduction: a usage-based conception of language. In: BARLOW, M.; KEMMER, S. (ed.). *Usage based models of language*. Stanford: CSLI Publications, 2000. p. 7-28.
- BECKNER, C. *et al.* Language is a complex adaptive system. *Language Learning*, [s. l.], v. 59, p. 1-26, 2009.
- BIBER, D. *et al.* *Longman Grammar of Spoken and Written English*. London: Longman, 1999.
- BRAGA, M. L. *A escrita e as marcas da oralidade: o caso das sentenças clivadas*. Relatório apresentado ao CNPq. 1991. (Mimeogr.).
- BRAGA, M. L. Construções clivadas no português do Brasil sob uma abordagem funcionalista. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 173-196, 2009.
- BRAGA, M. L. Discurso e abordagens quantitativas. In: TARALLO, F. (org.). *Fotografias sociolinguísticas*. 1. ed. Campinas: Pontes: Editora da UNICAMP, 1989. p. 269-282.
- BRAGA, M. L.; KATO, M. A.; MIOTO, C. As Construções Q no Português Brasileiro Falado. In: KATO, M. A.; NASCIMENTO, M. *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009. p. 237-290.
- BRAGA, M. L.; LEITE DE OLIVEIRA, D.; BARBOSA, E. M. Gradiência e variação nas construções de foco no português brasileiro. *Caderno de Letras da UFF*, Niterói, v. 47, p. 29-46, 2013.
- BRAGA, M. L.; SILVA, G. M. O. As sentenças clivadas e a articulação de orações. *Estudos Lingüísticos*, [s. l.], v. XXI, p. 175-181, 1992.
- BRAGA, M. L.; SILVA, G. M. O. Discurso e abordagens quantitativas. *Revista Alfa*, Assis, v. 41, n. especial, São Paulo, p. 41-55, 1997.
- BRITO, D. S. S. Construções de foco com palavra QU invariável: Uma abordagem construcionista baseada no uso. 2021. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.
- BYBEE, J. From usage to grammar: the mind's response to repetition. *Language*, Washington, DC, v. 82, n. 4, p. 711-733, 2006.
- BYBEE, J. *Language, Usage and Cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.
- CHAFE, W. L. Cognitive constraints on information flow. Coherence and grounding in discourse. In: TOMLIN, R. (ed.). Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1987. p. 21-51.
- CHAFE, W. L. *Discourse, Consciousness, and Time*. Chicago: Chicago University Press, 1994.



- COELHO, C. M. *Construções com o verbo agarrar em Português Brasileiro e Europeu*. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.
- CRYSTAL, D. *Dicionário de linguística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- CUNHA VIEIRA, A. F. Estruturas de foco no galego é o que vais ter. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- CUNHA VIEIRA, A. F. *et al.* Complexidade Cognitiva em Construções de Foco do PB – um experimento de *priming*. *ReVEL*, [s. l.], edição especial, n. 10, p. 265-281, 2015.
- DECAT, M. B. N. Orações relativas apositivas: SN “soltos” como estratégia de focalização e argumentação. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 8, n. 1-2, p. 79-101, 2005.
- DELIN, J. *Focus in Cleft Constructions*. 1990. Thesis (PhD) – University of Edinburgh, Edinburgh, 1990.
- DELIN, J. Properties of it-cleft presupposition. *Journal of Semantics*, Oxford, v. 9, n. 4, p. 289-306, 1992.
- DIESSEL, H. *The Acquisition of Complex Sentences*. Cambridge Studies in Linguistics. Cambridge: Cambridge University Press. 2004.
- DIESSEL, H. *The Grammar Network: How language structure is shaped by language use*. Cambridge: University Press, 2019.
- DIESSEL, H. Usage-based Construction Grammar. In: DABROWSKA, E.; DIVJAK, D. *The Handbook of Cognitive Linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015. p. 295-321.
- DIK, S. C. *The theory of functional grammar: Part 1, The structure of the clause*. Edited by Kees Hengeveld. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.
- DORMANN, C. F. *et al.* Package ‘bipartite’: Visualising Bipartite Networks and Calculating Some (Ecological) Indices. Package for R, version 2.18, repository CRAN, 2022.
- FÁVERO, L. L. O tópico discursivo. In: PRETI, D. (org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas, 1999. p. 33-54.
- GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: Chicago University Press, 1995.
- GUESSER, S.; QUAREZEMIN, S. Focalização, cartografia e sentenças clivadas do português brasileiro. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 188-208, 2013.

GUNDEL, J. K. Information structure and the use of cleft sentences in English and Norwegian. In: HASSELGÅRD, H. *et al.* (ed.). *Information Structure in Cross-Linguistic Perspective*. Amsterdam: Rodopi, 2002. p. 113-128.

GUNDEL, J. K.; HEDBERG, N.; ZACHARSKI, R. Cognitive status and the form of referring expressions in discourse. *Language*, New York, v. 69, n. 2, p. 274-307, 1993.

HAIMAN, J. Ritualization and the development of language. In: PAGLIUCA, W. (ed.). *Perspectives on grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1994. p. 3-28.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. New York: Longman, 1976.

HASSELGARD, H. Adverbials in it-cleft constructions. In: AIJMER, K.; BENGT ALTENBERG (ed.). *Advances in Corpus Linguistics: Papers from the 23rd International Conference on English Language Research on Computerized Corpora*. Amsterdam: Rodopi, 2004. p. 195-212.

HEDBERG, N. A. *The Discourse Functions of Cleft Sentences in Spoken English*. [S. l.: s. n.], 1988.

HILPERT, M. *Construction Grammar and Its Application to English*. Edinburg: Edinburgh Textbooks on the English, 2014.

ILARI, R.; LONGHIN, S. R. Uma leitura hallidayiana das sentenças Clivadas do português. *Alfa*, São Paulo, v. 44, p. 193-213, 2000.

JESPERSEN, O. *A Modern English Grammar on Historical Principles*. Part III. Syntax. Heidelberg: Winter, 1927. v. 2.

JESPERSEN, O. *A Modern English Grammar on Historical Principles*. Part VII. Syntax. Heidelberg: Winter, 1949.

JOHANSSON, M. *Clefts in English and Swedish: A contrastive study of IT-clefts and WHclefts in original texts and translations*. 2002. Thesis (PhD in Linguistics) – Lund University, Lund, 2002.

JUBRAN, C. C. A. S. O discurso como objeto-de-discurso em expressões nominais anafóricas. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 44, p. 93-102, 2003.

KATO, M. A. *et al.* As construções-Q no português brasileiro falado. In: KOCH, I. V. (ed.). *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. Unicamp: FAPESP, 2002. p. 303-368. v. VI.

KATO, M. Estruturas de Focalização no português brasileiro dos séculos XIX e XX. In: CYRINO, S. M.; TORRES-MORAES, M. A. (org.). *Mudança sintática do português brasileiro: perspectiva gerativista*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 420-440.

KATO, M.; RIBEIRO, I. A evolução das estruturas clivadas no português. In: LOBO, T. *et al.* (org.). *Para a história do português brasileiro: a experiência dos grupos de estudo*. Salvador: EDUFBA, 2006. p.165-182. v. 6. t. 1.

KOCH, I. G. V. Linguagem e cognição: a construção e reconstrução de objetos de discurso. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 31-41, 2002.

LAMBRECHT, K. A framework for the analysis of cleft constructions. *Linguistics*, [s. l.], p. 463-516, 2001.

LAMBRECHT, K. *Information Structure and Sentence Form: Topic, Focus and the Mental Representation of Discourse Referents*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

LAMBRECHT, K. Presentational cleft constructions in spoken French. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. (ed.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1988. p. 135-179.

LAMBRECHT, K.; POLINSKY, M. Typological variation in sentence-focus constructions. *Papers from the Regional Meetings of the Chicago Linguistic Society*, Chicago, v. 33, n. 2, p. 189-206, 1998.

LANGACKER, R. W. A dynamic usage-based model. In: BARLOW, M. *et al.* Usage based models of language. Stanford: CSLI Publications, 2000. p. 1-63.

LANGACKER, R. W. Cognitive grammar. In: HEINE, B.; NARROG, H. (ed.). *The Oxford handbook of linguistic analysis*. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 87-109.

LANGACKER, R. W. *Foundations of Cognitive Grammar*. Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987. v. 1 e 2.

LEITE DE OLIVEIRA, D. O tratamento da variação em Gramática de Construções Baseada no Uso: a propósito das construções clivadas em português brasileiro. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 62-82, 2019.

LOBO, M. Assimetrias em construções de clivagem do português: movimento vs. Geração na base. In: OLIVEIRA, F.; BARBOSA, J. (org.). *Textos selecionados*. XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: APL: Colibri, 2006. p. 457-473.

LONGHIN, S. R. *As construções clivadas: uma abordagem diacrônica*. 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. v. 2.

MAIA, M. A. R.; BRAGA, M. L. Apresentação: Representação, função e processamento do Foco. *ReVEL*, [s. l.], edição especial, n. 10, p. 1-18, 2015.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

PRINCE, E. A comparison of wh-clefts and it-clefts in discourse. *Language*, [s. l.], v. 54, n. 4, p. 883-906, 1978.

PRINCE, E. The ZPG letter: subjects, definiteness, and information status. In: MANN, W.; THOMPSON, S. A. (ed.). *Discourse Description: Diverse Linguistic Analysis of a Fund Raising Text*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1992. p. 295-326.

PRINCE, E. Towards a taxonomy of given-new information. In: COLE, P. (ed.). *Radical Pragmatics*. New York: Academic Press, 1981. p. 281-297.

QUAREZEMIN, S. Assimetria sujeito-objeto focalizados nas sentenças clivadas e pseudoclivadas. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 19, n. 1, p. 60-78, 2014.

RIBEIRO, I. Construções de focalização: Comentários ao texto de Simone Guessier. In: NAVES, R. R.; SALLES, H. (org.). *Estudos formais da gramática das línguas naturais*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2009. p. 109-122.

RIBEIRO, I.; CÔRTEZ JUNIOR, M. As construções pseudoclivadas e clivadas. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 209-230.

RODRIGUES, A. T. “*Eu fui e fiz esta tese*”: *As construções do tipo foi fez no Português do Brasil*. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

SORNICOLA, R. *It-Clefts and Wh-Clefts: Two Awkward Sentence Types*. *Journal of Linguistics*, [s. l.], v. 24, n. 2, p. 343-379, 1988.

VALLDUVÍ, E. *The informational component*. 1990. Thesis (PhD in Linguistics) – University of Pennsylvania, Philadelphia, 1990.

## The informational status of referents of focused elements in alternating focus constructs

**Abstract:** In this article we investigate the informational properties of the elements that instantiate the focus position of three constructions WH in Brazilian Portuguese: the “Canonical Cleft” [SER X QUE Y], the “Construction Que” [X QUE Y] and the “Construction SerQue” [X ÉQUE Y], where X corresponds to the focused constituent and Y to the unfocused segment. The research is guided by the theoretical assumption of the Grammar of Use-Based Constructions (GUBC) and for the study of the informational status of discourse referents we adapted Prince's proposals (1981, 1992). The objective of this work is to verify if there is any restriction to variable configurations/contexts that justify the defense of non-synonymy (GOLDBERG, 1995) between the constructions in question, since, even though they are formally distinct, they are shown to be interchangeable in many situations of use. Occurrences were collected from the records of the 64 informants that make up the Census-1980 of Rio de Janeiro speech sample (PEUL/UFRJ) and analyzed using statistical processing tools run on Program R. The data show that at the same time that these schemes share substantial part of their semantics, they seem to differ in terms of a series of variants directly related to the type of information that is encoded in the focus slot.

**Keywords:** Construction Grammar; Variation; It-clefts; Non-synonymy.

**Recebido em:** 8 de janeiro de 2023.

**Aceito em:** 3 de abril de 2023.